



O dia de S. Martinho.

Srs. Redactores do Burlesco. — Rogo-lhe So obsequio de publicar no seu acreditadissimo jornal, a pratica, que tenciono fazer na proxima festividade do dia 11, para que fui convidado pelos irmãos de Bucellas, Cartaxo, Porto, Lavradio, Madeira, Torres, Barra-a-barra, esforçando-me quanto o estiver em minhas forças para satisfazer completamente a missão de que fui encarregado.

Sou etc.

O Padre Preto.

In nomine panis-vini-rabano e azeitonas. (Adulterio)

Meus amados e camoecos irmãos! De certo, muito vos haveis admirar de vêr que é um Preto, que vos falla, sentindo não poder ser roxo!

Tenho por muitas vezes estado de môlho em vinho tinto, por espaço de 48 horas, e ainda até hoje não poude conseguir ser senão Preto. Já agora xerei Preto toda a minha vida... (chora). Porém espero da vossa attenção e bondade desculpáreis os meus erros e ire prestareis toda a attenção devida a acto tão solemne como este é.

Eu principio. A'vante (ri, e bebe meia canada do Cartaxo). Bem! assim não vai mal.

E' o vinho o elemento mais forte da natureza, é o licôr mais precioso, o nectar mais gostoso; em fim, a machina que carregada de electricidade produz os mais expontaneos e momentaneos effeitos.

O vinho, meus empecoçados irmãos, torna os pobres ricos, e os ricos pobres; os bonitos feios e os feios bonitos; os alegres tristes e os tristes alegres; os valentes fracos e os fracos valentes; os gordos magros e os magros gordos; os vivos mortos e os mortos vivos; e até meus bebedos irmãos, foi uma grande bebedeira que suggeriu ao Commendatore a vasta e primorosa idéa de fazer o seu Cadastro!

Cambaleando, indo quasi de ventos ao chão, fez o Recta os Annos da Menina!

Dentro de uma taberna, entre as 10 e as 11, namorou e seduziu o Felix a sua primeira velha!

Foi debaixo de uma grande tormenta que o José empalmou os bens dos coneigos com que enriqueceu!

Por se haverem entornado em um banquete (caso horroroso!) 3 garrafas de primoroso vinho, é que foi feita a lei das rolhas, tão util no nosso paiz.

Foi resultado de um tremendo pescoço o presente do caleche ao homem de tomar.

Foi por ter tomado breole que a rainha de Sinda foi roubada pelo Lopes Limão.

E' sem duvida ao vinho que o Dultra deveu o ter-se enganado n'uma escriptura.

E' com uma grande camoeca que o Paixão se apresenta no Gymnasio.

E foi, finalmente, com uma famosa carspana, que eu compuz esta pratica, deitado de barriga para o ar á meia noute, á porta do Custodio na rua nova dos Martyres!! despeja outra garrafa e arreta).

Assim vêdes, meus bebedos collegas, o merecimento, virtudes, e singular prestimo do nosso licôr favorito! Porém temos a combater dois inimigos capitaes, que contra elle querem fazer bernarda. Quereis saber quem são? E' a agua e o vinagre! (todos estremezem e bebem um quartilho para tomar animo) a agua que tão aleivosamente se introduz nas adegas para damnificar o licôr precioso e o vinagre que com elle quer disputar preferencia.

Vamos todos, a cavallo em pipas, munidos de garrações, môlhos de rabanos e chouriços de carne, combater estes revolucionarios, e não lhes concedamos protocollo de especie alguma.

Vamos, mas antes disso devemos comer um selamin d'azeitonas, e beber duas canadas!

Nenhum de vós, ainda que sejais os mais perfectos borrachões, ainda que tenhaes estado toda a vossa vida de bôca aberta debaixo de uma torneira vasando vinho, sois capazes de ter bebido mais do que eu, e experimentado os seus effeitos! Olhem bem para mim. Que tal? que carinha tão bem curada! que côr tão rubicunda! que olhinhos tão vivos! que gordura! que..... tudo isto é vinho!! Eu estou embalsamado em vinho; o meu corpo nunca terá corrupção, nem lhe dará o bixo como ao presunto! não sinto frio, durmo bem, vivo alegre, canto, bailo, e estou sempre na frescata. E porque? Almoço vinho, janto vinho, mereado vinho, ceio vinho, durmo em um tanque de vinho, cheiro a vinho, e visto côr de vinho! O vinho é o remedio para todos os males. Tens frio? bebe vinho; tens calor? bebe vinho; doe-te a cabeça? nozes e vinho; doe-teo peito? chouriço e vinho; quebrastes uma perna? rabanetas e vinho; estás phthisico? castanhas e vinho; doem te os dentes? queijo e vinho; tens rheumatismo? salchixas e vinho; tens uma constipação? lagosta e vinho; doe-te o estomago? carne de porco e vinho; tens esfalfamento? camarões e vinho; tens dôr de colica? ostras e vinho; estás apoplectico? rabanos e vinho; tens molestia de pelle? bacalhau crú e vinho; tens sede? vinho; tens fome? vinho; estás morto? que te mettam em vinho, e ressuscitarás!.... Mas ah! meus borrachos ouvintes, que cruel lembrança agora tive! Quem valerá aos tristes empregados publicos, a quem a miseria não deixa se quer comprar pão, como hão de beber vinho? E este anno, que elle está tão caro!!

Ajoelhemos todos, pedimos ao cadastrone commendatore (todos repetem) tende dô destes arenques de fumo, destes miseros carapões, destes pobres enguias, palitos ambulantes, columnas de vapôr, jantotas transparentes: ouvi nos, senhor, attendei estes nossos enfesados irmãos, fazei com que o mez de Novembro de 49 lhe seja pago, para que ao menos neste dia, dedicado á frescata, á pandiga, e á brioleira; elles gozem do prazer de sentir escorregar pelas soziquissas goellas o verme-lho summo, que a todos electriza e alegre, e que depois de estarem promptinhos como se quer, vão com tola a alegria vêr o Templo de Salomão, a Batalha de Mon-

tereau, ou, (se preferirem antes) jogarem as cambalhotas na caçada do Combro, e quebrarem as cabeças no macadame; o que a todos vos desejo.

Peço tres famosas bebedeiras successivas, cada uma de dous alitudes de Colares, nada de zurrapa: a 1.ª á minha saude; a 2.ª á saude de todos os taberneiros e botequineiros de Lisboa, Porto, e Ilhas adjacentes, para que elles não deitem agua, nem mixordia nos vinhos; a 3.ª á saude de todos os fieis adoradores do Baccho.

Agora, meus amigos, bebâmos e cantâmos (o Preto põe á bôca um garração de 6 canadas, e os irmãos fazem o mesmo, mas com garrafas) e depois de estar esgotado até ao fim, canta o Preto, de joelhos a seguinte

QUADRA.

Vamos, ávante rapazes Sigamos nosso caminho Seja no sa divisa Dinheiro, castanhas e vinho. Cáo geral. Divino licôr de tanto poder Nos faz desfructar amor e prazer.

Depois de terem repetido os versos acima, levantam-se todos; o Preto ri d'alegria, e lê (mas quasi que já se não entende).

Relação dos festeiros para a festividade de 11 de Novembro de 1851.

Juiz — Este cargo é de minha propriedade, por que o sou perpetuo desde o anno de 1640.

- 1.º Secretario — Botas. 2.º dito — Domingos. 1.º Escrutinador — Taboas. 2.º dito — Magina. Mortomo — Cega-Lerma. Idem — Cortez. Idem — Brexa. Idem — Soneca. Idem — Vegia. Idem — Chuvas. Procurador — Tiburcio. Idem — Veiga. Menino do Coro — Penin. Idem — Cambalhota. Idem — Tio Arruda. Mestre de ceremonias — Sapateiro Santos. Andador — Simplicio da Paixão. Sineiro — Colxoeiro. Thesoureiro — Conde de Caleche. Sala das sessões ordinarias, e casa do despacho, o Barracão junto ao Gymnasio. Acabado isto vão petiscar; o Preto toma o lugar da presidencia, comem, bebem, fumam, cantam, berram, dançam, e fazem as estropolias do estilo. O Preto mette se na sege e parte para a quinta da Rabiçla; e os irmãos, ou se deitam no meio do chão, ou vão para casa emburrar com as familias; outros ficam na estação; e no outro dia 920 rs. para a fiança, ou cadeia.

Foi encontrado o Marcos á sabida do arnizem do Barboza Lima: julga se que foi commendador e escolheu vinho para a proxima função de 2.ª feira, 11 do corrente.

Marcos toma a primeira bebedeira da idade de 3 annos — Juramento que fez a S. Martinho.

Amigos, caluda, silencio, attenção. Que o Marcos lá vai cantar sua historia, Prestai o ouvido, dizei-me depois Se ha outro borracho com tamanha gloria.

- « Quando eu era pequenino
- « (Tinha apenas mez e meio)
- « Já bebia um copo cheio
- « De licor de marrasquino
- « Que me offerecia a minha ama
- « Para eu não pedir mama.

- « Aos dous mezes já entrava
- « No copito d'aguardente,
- « Oh! que doido de contente
- « Que o Marcos então ficava!
- « A minha ama muito ria
- « Das caretas que eu fazia!

- « Fui crescendo e fui bebendo
- « Pouco leite, muito espirito;
- « The que uma vez vi-me afflito,
- « Estive quasi morrendo;
- « Por ter bebido um golinho
- « De forte 'sprito de vinho.

- « Tive grande inflammação
- « E minha mãe grande susto
- « Por que foi a muito custo
- « Que sahi da prostração,
- « A final foi a primeira
- « Innocenta bebedeira.

- « Fazia os meus tres annos
- « Quando isto aconteceu;
- « O meu papá não me deu
- « Como fazia a meus manos;
- « Disse muito contentinho,
- « Tenho em casa um S. Martinho.

- « S. Martinho, S. Martinho
- « Tu és o meu protector;
- « Juro, juro eterno amor
- « A ti santo, e mais 'o vinho.
- « Eis as juras que lhe fiz
- « Como bebedo aprendiz.

O Marcos calou-se, não disse mais nada Bebeu sete tragos, cahiu-lhe a viseira; Agora, é esperar que o Marcos acorde, Se acaso acordar desta borracheira.

EDITOR — MANOEL DE JESUS COELHO.
 Typographia de Manoel de Jesus Coelho
 R. do Peço dos Negros N.º 54.



Lith. de M. e Antunes R. do Brucifixo N.º 13
 Festividade no dia 11 do corr. 1.º